



Imaginários da identidade: Macunaíma e Altazor

Gerardo Andrés Godoy Fajardo (UFRN)

A literatura é uma espécie de espelho profundo da identidade, pois a obra de arte nunca reflete com clareza nem perfeição os objetos que coloca em pauta, mas, graças a isso, consegue dizer e deixar em xeque o próprio objeto representado. De fato, nem a realidade nem a representação da mesma são estruturas fechadas, mas fluxos de significação que cobram vida nas mãos do escritor, do leitor e do crítico. Por isso, quando buscamos marcas de identidade cultural em obras como *Macunaíma* (1928) de Mario de Andrade e *Altazor* (1931) de Vicente Huidobro, que foram escritas sob o ímpeto da modernidade na sua expressão vanguardista, sacolejamos o discurso nacional do Brasil, por um lado, e do Chile, por outro. Isso porque o artista que leva a linguagem a ser permeada pela rapsódia —como chamara o próprio Mario de Andrade a seu romance— e pelo poema longo —como é a criação de Huidobro— trabalha com outro lugar da enunciação. Entretanto, a genialidade da obra não é só uma questão de forma, mas também o trabalho realizado com os conteúdos, que tanto em *Macunaíma* quanto em *Altazor* possibilitam um instigante desdobramento da identidade. Nesse ensaio inédito desenvolvemos a crítica literária com um perfil neomarxista graças às leituras de Eagleton e de Benjamin, procurando uma ideia do Brasil com autores como Darcy Ribeiro e Sérgio Buarque de Holanda e sobre a identidade chilena com Jorge Larraín entre outros.

